



JOSE RICARDO

1 EDUARDO

Rio

6 DE OUTUBRO 1913

→

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 9 de Maio de 1895.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
ANNO 48\$000
SEMESTRE 25\$000
AVULSO 1\$000
Escritorio, Rua Ouvidor 115

A CIGARRA

HEBDOMADARIO

Il est hyver; danse, fainéante.
Appren des bestes, mon ami.

Baif.

Redacção de *Olavo Bilac*, ilustrações de *Julião Machado*

Administração de *Manoel Ribeiro Junior*

Que é isto?

Um circumspecto naturalista, ageitando sobre o nariz os oculos graves, diria logo, com a sua fanhosa voz de oraculo: « Cigarra? insecto da ordem dos Hemipteros, da familia dos Cicadarios: tem tres olhos, antenas providas de seis articulações, um órgão musical situado na base do abdomen: nas femeas, esse órgão musical... » (*) E iria por diante, assoalhando uma erudição capaz de metter inveja ao dr. Emilio Göeldi.

Um burguez severo, homem pratico, agarrado á terra como uma hera a um muro, diria, dando á face um ar prophético: « Cigarra? um bichinho incommodo, e tolo, que durante o verão apunhala os ouvidos da gente... De resto, animal de vida immoral e desregrada: auctores serios dizem que quando acaba o verão, se vê obrigada a pedir esmolas á formiga. » E, passando das cigarras aos homens, acharia meio de fallar do cambio, e de blasfemar contra os partidarios do recuo forçado.

Um poeta, com o olhar babado de ideal, e a voz quebrada de soluços, suspiraria: « Oh! a cigarra! alma do estio! voz saudosa da tarde! garganta verde da matta! tambem o coração do poeta canta até estourar... »

(*) Estas informações são extrahidas da obra *The Cigale*, do sabio William Shorchman, chegado ao Brasil na comitiva de Pedro Alvares Cabral em 1500.





Nós, porém, e o publico, só queremos saber que *A Cigarra* é um jornal illustrado, que não tem programma nenhum e terá muitos assignantes. Esta cigarra vae cantar emquanto para isso houver forças; e as forças não faltarão emquanto o dinheiro chover dentro d'este escriptorio, como já está chovendo.

Amigos! o tempo dos romantismos passou. Póde-se amar, ao mesmo tempo, o *calembourg* e o *paté de foie gras*, as facecias de Gil Blas de Santilhana e as apolices da divida publica, os bellos olhos de uma mulher e o seu dote. Nós estimamos a propriedade: no dia em que tivermos casa propria e uma tiragem de 200.000 exemplares, nem por isso nos consideraremos incompatibilizados com a Graça e a Alegria, fontes perpetuas do rejuvenescimento.

Os casos de cantoras, que, como a Candiani, acabam n'um casebre de Santa Cruz ou alhures, depois de haverem embasbacado gerações de melomanos, pertencem á Historia Antiga. Se Deus nos ajudar e as notas do banco da Republica continuarem a cahir nas mãos do nosso caixa, nós, fugindo de imitar a cigarra de Lafontaine, que,

.... ayant chanté
tout l'été,
se trouva fort dépourvue
quand la bise fut venue,

poderemos mesmo socorrer todas as formigas do universo, pagando-lhes em bem o mal que uma d'ellas fez á nossa veneranda ascendente da fabula.

Para realisar esse risonho ideal, começa esta *Cigarra* a desprezar o exemplo da outra, que só no estio cantava. Abre o seu grito, justamente quando, nos jardins, estão abrindo as primeiras camelias do



Não sei se houve mais alguém que tivesse, ha dias, saudade do papo de tucano que o imperador punha ao peito, quando ia abrir as camaras. Agora, não ha imperador, não ha papo, não ha coches de gala, não ha fardas verdes com folhagem de ouro; ha uma simples mensagem, lida seccamente por um secretario.

inverno, e, no S. Pedro de Alcantara, estão abrindo os primeiros *duetos* da estação lyrica. Quando chegar o tempo quente (ó almas presagas! volvamos os olhos para Cambuquira!...) *A Cigarra* fará o que fez no tempo frio.

Ah! na vida das cigarras, como na vida dos homens, a natureza faz saltos (quem foi o homem futil que disse o contrario?) Hoje, as cantoras zombam das maldições e das prophecias do velho Lafontaine. E' que, no tempo d'esse conselheiro Acacio dos animaes, ainda não haviam raiado no horizonte da vida theatral estas duas miraculosas invenções: os principes russos, que casam com as Patti, e o xarope de Jatahy que remenda as cordas vocaes das Irene Manzoni. A botica do Honorio e a aristocracia do Volga são as companhias de seguro de voz, a que recorrem as cigarras estrompadas pelo abuso do garganteio.

Mas *A Cigarra* espera ficar donzella, para eterna furia da Russia, e livre do Jatahy, para furia eterna da botica. Casará platonicamente com o favor publico, e, graças a uma rigorosa hygiene matrimonial, (leia-se: graças a uma despotica administração do Manoel Ribeiro), atravessará invernos e verões, estridulando e cantando.

Parece que não é preciso dizer mais nada: *A Cigarra* quer dar mais do que o que promette. Abram-nos espaço a fulgurante *Noticia*, a velha sempre moça *Revista* e o altivo e bello *D. Quixote*. Para todo o mundo ha logar debaixo do sol e... dos quarenta e oito mil réis de assignatura annual.

Deus me livre de ter saudade do imperador: mas, ai de mim! não posso deixar de ter saudade do papo de tucano!

Porque? porque a cousa (desengavetemos dois velhissimos chavões) tinha o sal da oportunidade e tinha côr local. Parecia-me bello e adequado á circumstancia o uso de ir um tucano abrir uma assembléa de periquitos: a solemnidade se revestia assim de um certo caracter zoologico; —dir-se-ia a abertura de uma exposição de ornithologia. Mas tudo passa n'este valle de lagrimas!

Emfim, é de esperar, — tal é a gravidade da situação — que as camaras não sejam este anno aviarios pacificos, mas jaulas de animaes ferozes. O interesse será maior. No horizonte das discussões já

se desenham vagamente garras afiadas como navalhas, prêsas agudas como punhaes. Tanto melhor para a galeria. O povo do Rio de Janeiro em 1895, na era d' *A Cigarra*, é o mesmo povo de Roma em 60, na era de Nero: quer pão e divertimentos, *panem et circenses*. O pão diminue cada vez mais de volume e aumenta cada vez mais de preço: de sorte que essa primeira parte da aspiração popular já vae custando

a ser satisfeita. Restam os divertimentos: esses não faltarão, uma vez que as duas arenas da rua da Misericórdia e do Campo de Sant'Anna começarem a funcionar.

Atenção! de lapis em punho, e ouvido alerta, inauguremos esta chronica politica!

L. F.



Todo o mundo diz que maio é o mez das flores. Já sei. Mas que valem flores? Flores nascem ahi, a cada canto da cidade, em terreiros de estalagens como em parques de palacios, em grandes vasos de faiança nobre como em sujas telhas de trapeiras réles. Flores não fallam, flores não amam, flores não beijam, flores não enganam, como mulheres... E mez das mulheres é que Maio é, — este mez em que, no Rio, começa a gente a sentir a delicia infinita de viver e a ância infinita de amar.

Ao meio-dia, dos arrabaldes longinquos começam os bonds a transportar para a rua do Ouvidor bandos de demonios trefegos, dando aos beijos do sol *toilettes* em que um vivo arco-iris se desdobra, azas de leques palpitando amorosamente, chapéos tufados de rendas e de plumas, tremendo e offegando no ar como grandes passaros captivos. Mez das mulheres... Todos os armarinhos, ás trez da tarde, se enchem de um quente aroma feminino, que entontece e allucina; sapatinhos lepidos, dentro de cujos ninhos macios se agitam pequeninos pés impacientes, batem, saracoteiam entre as cadeiras desarrumadas; nos balcões, sob o olhar tantalico dos caixeiros, as peças de seda rugem, machucadas por mãos que valem mais que todos os teares da China e do Japão; quando e quando, duas amigas se reconhecem: então, as sedas cahem desprezadas, e ha pela sala o vago rumor de beijinhos rapidos... E os caixeiros alongam olhos famintos... Meu Deus! os manicomios devem estar cheios de caixeiros de armarinho, levados á loucura pela embriaguez fulminante d'esse espectáculo!

Mez das mulheres é que Maio é!

Eu, chronista d'esta folha em que o lapis voluptuoso de Julião Machado vae tratar com tanto carinho as curvas dos corpos dessas encantadoras inimigas do meu sexo, quero dar-lhes esta primeira chronica. Tambem, não tenho feito outra cousa, nestes primeiros dias de maio, senão olhal-as. Houve na semana passada manhãs frias e nevoentas, tardes enfarruscadas, retalhadas de bategas de agua: e a rua do Ou-

vidor ficou triste... apenas marmanjos patinhando na lama, com os narizes rôxos engrossados pelo coryza, e os pescoços duros congestionados pela angina. Mas não desesperei: não achando mulheres na rua do Ouvidor, fui á rua de Gonçalves Dias, e deixei-me ficar no saguão da Photographica Brasileira, a namorar os retratos. Ha por aquellas paredes carinhas gordas e ridentes, de queixos redondos, em que se adivinham covinhas avelludadas, sepulturas de beijos, cheias de pó de arroz; faces finas e fidalgas, de olhos dominadores e labios frios; rostos espertos, cheios de uma frescura de quatorze annos, em que, sob a formosura acabada da mulher, percebe-se ainda a innocencia e a travessura da creança; e—porque não as mencionar tambem? — faces cheias e animadas, de quarentonas, fructos sazonados, a que o esplendor fecundo do outono dá uma belleza repousada e firme. Ah! os retratos tambem não fallam, bem sei! mas, em dias de chuva, é preciso que os olhos da gente se contentem com o que acham...

E a chuva passou. Agora, o céo vae talvez sorrir por todó o mez, na sua glória de esmalte novo. A noites, polvilhadas de estrelas, de um frio que chama o sangue ás faces, vae forçar as frequentadoras do lyrico ao uso das mantas nobres, do largos capuzes, sob cuja espuma alvissima de rendas e de pelles os olhos brilham com um novo fogo. E... Mas não, tenho interesse nenhum em dizer que outras cousas suaves e deliciosas trarão comsigo as tentadoras noites de maio...

Digo-vos sómente que vou ficar fóra da politica, dos negocios, de tudo. Podem todos os Traipús do Norte e do Sul cahir com fracasso e reerguer-se com lustre! Pódem as ruas alargar-se ou não, á vontade dos partidarios do recúo ou dos partidarios do *statu quo*! Que os noticiarios arfem, carregados de casos de adulterios, de sangue, de roubo, de guerra! Que os cabos telegraphicos se reforcem e desenferugem, transmittindo noticias espantosas, grèves, terremotos, crises, revoluções, amores escandalosos de Oscar Wille e lord Alfred, constipações do rei da Hespanha, pneumonias do duque de Orléans, torcicollis de Felix Faure, rheumatismos de Muley Pachá

Domingo de inverno. Como é doce a meia luz do quarto! Como é quente o aconchego da cama... quando os casacos ainda estão na alvorada do amor! Longe, um sino de igreja canta... E a noite apaixonada se prolonga, invade o dia, vai por elle a dentro, povoada de beijos.

Mas, quando o habito já esfriou os primeiros transportes, só ha um meio de poder ficar na penumbra suave da alcova, sem tédio: é ler *A Cigarra*,

O bom despertar faz o bom dia. Ler jornaes politicos... que horror! Conversar sobre arranjos de casa... shoking! Ler a *Cigarra*! Ler a *Cigarra*! Isto é um jornal feito para bellos olhos e para almas finas. Tambem, se todas as senhoras brasileiras não mandarem assignar *A Cigarra*, poder-se-ha, sem susto, afirmar que a gratidão desapareceu para sempre da face da terra!



Domingo de inverno

DE PROMPTIDÃO



OS QUE CANTAM

Chironica Theatral

Theatro S Pedro
ESTREIA DA
Companhia Lyrica

Time is money
Tradução.

As horas custam dinheiro.

Dáqui a RAZÃO PORQUE
A EMPRESA RESUMIU 24
horas em 8. De resto
São as horas de tra-
balho.

FEZ UMA ECONOMIA E
Um.. Symbolo.



VIVAM
EDMA SERRA.

Com o cambio a 9 a va Tenor
Perigoso

EMBRAR
DUM FALSO
D'ENTÃO.

ASALHA:
NÃO ha meio de
se ser um ARCHIMEDES SÉRIO
com LYRICOS ASSIM

SE NÃO QUEBRA OS PRAIOS
E SE NÃO FURA o Bombo
é porque absolutamente
não pode.

REFLEXÃO. DUMA DAMA RETIRADA SENA:
UMA DANÇA des horas, apenas! NÃO SABEM
o que é trabalhar!

carraspanas do Grão Mugol, crises hystericas do imperador Guilherme, indigestões da rianha Victoria. Que a Europa se conflagre ! que a Asia se deixe inundar ! que a Africa, torrada á secca, se desfaça em pó ! Que tenho eu com o resto do mundo ? O mundo para mim é a rua do Ouvidor, radiante viella por onde passa, em ondas que cantam, o rio da belleza humana !

Maio é o mez das mulheres ! Ah ! quem tivera, senhoras do meu destino, donas do meu passado, do meu presente e do meu futuro ! cem olhos para olhar-vos, cem almas para adorar-vos, cem vidas para servir-vos !

São duas horas. E eu a perder tempo !— Julião ! vê aquella morena que alli vae... uma nuvem de aromas rolá em torno d'ella, acompanhando o hymno de seu passo leve... E aquella, Julião ! e aquella loura, cuja bocca se abre e offusca, como uma rosa sanguinea... E aquella... e aquella... e aquella... E todas ellas ! e todas ellas ! Ai ! vida dos meus peccados ! para que precisa o Rio de Janeiro de tanta mulher bonita ! ?

FANTASIO.

A PROMPTIDÃO

Sou um homem serio ; tenho cincoenta e seis annos de idade ; sou casado ; alimento mulher, tres cunhadas, oito filhos ; sou porteiro de uma repartição publica. Mas não pensem que nasci para tão baixo mister. A Fortuna, que é cega e irresponsavel, atira uma porção de analphabetos para as altas posições, e a mim, homem possuidor de lettras, amante das artes, conhecendo de cór todos os poetas classicos da França e de Portugal, atirou-me, com mulher, cunhadas e filhos para o gráo mais baixo da administração publica. Mas, apesar disso, apesar da idade e das dividas, sou um homem alegre. Mesmo porque o governo passado me fez justiça, dando-me honras de major, pelos serviços que prestei durante a revolta á causa legal, abrindo e fechando todos os dias a porta de uma repartição em que ninguem entrava e de onde ninguem sahia. Feita a minha apresentação, começo.

Na fabula *Les femmes et le secret* de Lafontaine (*), um marido, querendo experimentar a discrição da consorte, diz-lhe que, depois de sentir dóres terriveis, ...puzera um ovo.

E recommenda-lhe segredo : « olha, filha ! se contas isto a alguem, fico eu na aldeia com uma reputação de gallinha ! » Mas a discreta consorte guarda tão bem o segredo, que, antes do pôr do sol, toda a aldeia sabe que o fecundo senhor poz, não um ovo, mas cem ovos, cinco mil ovos, um Himalaya de ovos. Pena é que um traductor habil não traduza esse apologo, adaptando-o ao Rio de Janeiro, e dando-lhe este titulo mais adequado : *Os fluminenses e o boato*. Dois soldados brigaram, n'uma rua equivocada, em que se cultivam o amor e o vispora baratos. D'ahi a pouco, dizia-se que dois pelotões se haviam entrechocado. Mais tarde, corria que a lucta não fôra entre dois pelotões, mas entre dois regimentos. E quando a população acordou, na manhã seguinte, soube, com espanto, que os quartéis estavam conflagrados ; que as instituições se haviam desmoronado como casas velhas ; que, nas

ruas, juncadas de cadaveres, rolavam rios turbidos de sangue. E' que ao desenvolvimento do boato no Rio de Janeiro, basta uma noite : deem-lhe uma noite, e vêl-o-hão, aberto em galhadas fantasticas, em moitas espessas, crescer, alastrar, cobrir a cidade, como uma floresta fabulosa...

Eu, quando essas terriveis noticias me atordoaram o ouvido, abalei para a rua. Vi que os quartéis não estavam conflagrados : nenhuma bomba do Corpo de Bombeiros rondava as casernas ; vi que as instituições andavam lepidas e frescas, com muito boas cores nas faces e muita firmeza nas pernas ; e, no que diz respeito a cadaveres, só encontrei na rua os meus, que são os mortos mais pacientes e resignados que conheço. Uma só cousa anormal havia na cidade : a promptidão. Promptidão da armada, promptidão do exercito, promptidão da guarda nacional, promptidão do corpo de bombeiros, promptidão de tudo,— até mesmo da industria e do commercio, que, não podendo trabalhar em paz, a todo o momento preparam as malas, prontas para uma viagem ao Cairo, a Malta, a Nazareth, ao Egypto, (quando chegarás tu, ó cysne da Judia ?).

E logo, convencido de que a promptidão era para inglez vêr, voltei á casa, afim de me revestir das insignias de major honorario e correr em defesa da patria. A mulher, as cunhadas e os filhos, quando me viram fardado, abriram n'um choro longo, dissuadindo-me da empreza. Eu, porém, muito serio, atalhei : Que hei de fazer, senhoras ? que hei-de fazer, meninos ? sou tambem obrigado a ficar de promptidão ! » E sahi, com uma coragem digna da mãe dos Gracchos. E já na porta, ainda ouvi a voz de minha mulher, dizendo entre gemidos : « Vejam vocês este homem : só em casa é que nunca fica assim ! »

Felizmente, acabou a promptidão ; felizmente, porque já não sou homem para essas safarascadas. Volto á minha porta de secretaria e á leitura dos meus classicos.

SERAPIÃO FAGUNDES

A CIGARRA, com vivo e sincero jubilo, registra o reaparecimento da CIDADE DO RIO, o brilhante jornal de José do Patrocínio. Ao lado desse grande mestre da imprensa fluminense, estão agora Dermeval da Fonseca, uma das mais completas organizações jornalisticas do nosso tempo, o joven artista da palavra escripta Carlos Dias, o nosso distincto collega da *Noticia* José Barbosa, e outros, e outros, e outros... Com esse pessoal de campanha, pôde-se antever o esplendor da batalha em que a *Cidade do Rio* se empenha.

A *Cigarra* publicará no seu segundo numero uma pagina inedita de *Coelho Netto*, com illustrações de Julião Machado.

Tambem podemos assegurar que em um dos proximos numeros, *A Cigarra* brindará os seus leitores com uma pagina desenhada por *Belmiro de Almeida*.

A pagina central do proximo numero :

A PALAVRA FOI DADA AO HOMEM...

(COMO ELLES AS SEDUZEM)

* Decididamente faz-se um consumo extraordinario de Lafontaine nesta folha !
(NOTA DA RED.)

A POLICIA E OS DIABETICOS

Sente-se um homem *apertado*, á sahida do theatro e procura um mictorio.



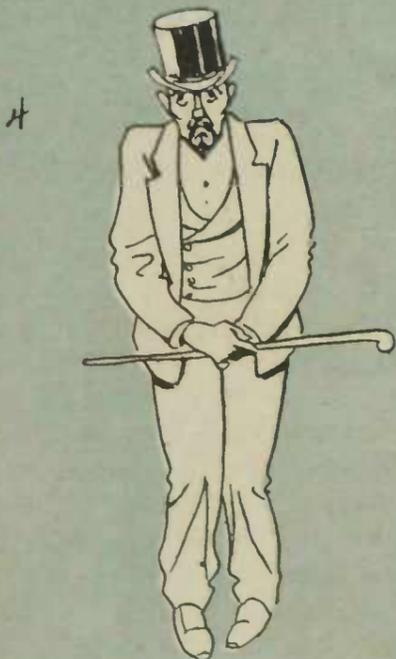
Nada da direita.



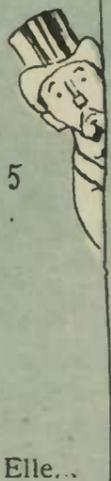
Da esquerda, nada!



Supplica ao Céu e como não conhece particularmente o Santo encarregado de proteger os que sahem do theatro *apertados* promette uma be-xiga de porco a todos os santos indistinctamente.



Entretanto o aperto augmenta e como do Céu nenhum mictorio desce.



Elle...



Mas um zelador da moral publica intima-o a parar e a verter 10\$000 que elle não tem...



Vae então, como as vezes só a presença d'um revolver produz effeitos revulsivos — o zelador commenta: peor a emenda que o soneto.



J. M. A. 1920